PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS PENAFIEL TAXA PAGA
PORTUGAL CTT

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

19 de Fevereiro de 2005 • Ano LXI • N.º 1590
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Da Aritmética

DAQUELA que aprendemos na nossa menicice, ficámos a saber que somar e subtrair, multiplicar e dividir, são operações inversas. Podem relacionar-se em objectivo de comprovação, mas a estrutura e os *resultados próprios* de cada uma são mesmo inversos.

O Evangelho também nos ensina Aritmética, mas fundada em outra lógica. Quando evocamos as *multiplicações* do pão que Jesus realizou, poderíamos chamá-las, com autêntico rigor, *divisões*. Porque foi para dividir que Ele multiplicou. A finalidade de dividir torna-se a *causa* de que a *multiplicação* é o *efeito*. Em nossa pequenez chamamos-lhe milagre. Mas o nosso Deus não é milagreiro; e o Seu Filho não veio ao meio de nós, em tudo igual a nós excepto no pecado, para espantar os indígenas de todos os tempos e todos os lugares, com acções espectaculares. Ele próprio deixou dito aos Seus discípulos, que a eles estavam reservadas muito mais destas acções do que as que Ele tinha feito e haveria ainda de fazer. E na oportunidade destes actos extraordinários, porque Ele próprio observou ou Lhe fizeram notar que as multidões que O rodeavam, estavam enfraquecidas porque há muito não tomavam alimento, não é Ele que se arroga de responder, mas manda aos Seus discípulos: «Dai-lhes vós de comer.»

O milagre é um sinal da Providência de um Pai que não quer os filhos com fome. Mas a voz de comando de Jesus surpreendeu os discípulos, «naquele tempo»: — «Como...?, se há só cinco pães e dois peixes!» E surpreende os discípulos de todos os tempos, porque é palavra de sempre, para sempre: «Dai-lhes vós de comer».

Graças a Deus, ao longo da História da Salvação quantos «milagres de multiplicação» que não estão registados em livro, mas aconteceram!: Sempre que um homem ou mulher ouviu a lição do Evangelho, acreditou e teve a coragem de mudar da aritmética do mundo para a da Eternidade!

Pai Américo foi um deles. Pelo menos durante os dezasseis anos em que trabalhou em importantíssimas Empresas sediadas no Reino Unido, quantas libras não terá somado e multiplicado, para valores de sucesso nos balanços anuais das ditas Empresas... Mas desde a «martelada» definitiva, logo entreviu que a matemática ia ser outra; e vá de diminuir ao que durante aqueles anos tinha somado. Quando, em 1932, começou a Obra da Rua, o saldo das suas contas era zero.

Continua na página 3

Moçambique

Duas estimadas visitas

FOMOS visitados, um destes Domingos, por Sua Alteza Real a Infanta Cristina, filha mais velha dos Reis de Espanha. Não veio nessa qualidade mas na de funcionária da Fundação da Caixa, uma instituição bancária espanhola que financiou a nossa Creche de Mailane. Foi construída há anos e nessa altura não pôde vir por estar de bebé. Agora também e já do quarto filho, era imperioso, pois é da sua competência acompanhar os financiamentos no exterior, em que avulta a investigação da vacina contra a malária, na Manhiça.

Veio directa a nossa Casa, pois a Creche fica distante. Como católica quis assistir à nossa Celebração Dominical. Houve um atraso do avião, mas como vivemos em família, fácil de nossa parte foi esperar pela Senhora e comitiva que a aguardava no aeroporto. Chegou acompanhada pelo senhor Embaixador e senhor Representante da Cooperação Espanhola a quem devemos o financiamento para todas as construções, equipamento e funcionamento dos Centros de Apoio de Mailane, Changalane, Manhane e Massaca, com suas Creches, Berçários, Postos de Saúde, casas, microempresas, apoio ao desenvolvimento rural, associativo e familiar.

Houve um momento no fim da Celebração que a todos emocionou, pelo seu dramatismo. Os activistas do HIV depois da Acção de Graças, executaram em passo de dança o emblema da luta contra a sida. A expressão corporal, o ritmo lento, as cores adequadas do vestuário levaram a um silêncio tão profundo que tocou até às lágrimas.

A seguir todos nos sentámos à mesa, sem etiquetas nem protocolos, que noutras ocasiões tanto nos têm embaraçado, para saborear até uma matapa, tipicamente africana. Após o almoço, um pouco tardio e a visita breve a algumas dependências da nossa Aldeia, todos seguiram para Mailane, donde regressaram à cidade já ao anoitecer. Uma visita enriquecedora na sua simplicidade tão cativante que até os mais pequeninos lhe saltaram para o colo, ao mesmo tempo tão despojada, só com o segurança privativo da Embaixada, que inevitavelmente somos levados a estabelecer a inversão de valores à luz do Evangelho: «derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes».

Outro acontecimento assinalável nesta crónica é a visita do nosso Padre Acílio, na qualidade de responsável pela Obra da Rua. Presidiu neste Domingo dia 6 de Fevereiro à nossa Celebração e administrou os sacramentos da iniciação cristã a quinze dos nossos rapazes que há anos estavam a fazer a preparação. Três deles já tinham sido baptizados, como o Lucas que chegou com quatro dias e agora com dez anos, está na sexta classe. Para eles o primeiro contacto íntimo com o sobrenatural, porque com muita naturalidade e frequência vão aprendendo como o espírito de

Continua na página 3

Momentos...

... em Angola

AS minhas viagens internas, em Angola, obrigaram-me a uma estada de três dias, em Luanda, no Lar dos Rapazes da Casa do Gaiato de Malanje.

Os quinze simpáticos habitantes desdobraram-se em atenções comigo e o seu carinho compensou-me um pouco do sofrimento provocado pelo agreste e permanente calor, a que o nosso físico europeu jamais se adapta, por maior força de vontade que se arranje.

Um ambiente climatizado seria desejável, mas é demais para o nosso estatuto social e nível económico.

Os rapazes tinham sempre, no frigorífico, dois jarricões de água fervida, fresca, à disposição de todos, como lenitivo de tão pesado sufoco.

A Casa situada num dos bairros centrais da cidade, de construção precária, coberta de fibrocimento tem alguma capacidade, mas o que lhe confere comodidade são dois espaços descobertos, resguardados — o da frente por um muro e portões altos e o de trás, com refeitório e cozinha incluídos, sob dois amplos beirais em ângulo recto, ao ar livre — pela própria contrução. O da frente é refrescado pela sombra de um esbelto coqueiro e uma amendoeira africana de larguíssima copa, e o de trás pelos referidos beirais de fibrocimento, ficando o resto, a céu aberto. As mesas e cadeiras do refeitório servem também de sala de estudo, de leitura e televisão. O ambiente é pobre, austero, mas acolhedor e feliz.

Os rapazes aparentam afinco no estudo e no trabalho.

Tudo é feito por eles: cozinha, copa, limpezas, compras e orçamento semanal. Eles governam-se. Só uma senhora de fora, contratada, lhes vem lavar a roupa!

O respeito, a delicadeza, a humildade e as boas maneiras ressaltam ao primeiro contacto em cada um deles.

Luanda que eu não via há nove anos, manifesta uma notável evolução para melhor: as artérias mais nobres da cidade, com alguma limpeza, evidente recuperação de jardins, arranjo do asfalto, construção de viadutos, semaforização de trânsito e um intenso parque automóvel.

Nos incontáveis bairros de chapa a situação continua estacionária: caminhos degradados, ruas inundadas de lama e lixo e o amontoado confrangedor de pessoas entregues à desgraçada sorte!

Por todo o lado muito rapaz da rua, pedindo, vendendo, em bandos e sozinhos, desafiando a adormecida consciência social da humanidade luandense.

Estou a alongar-me pois queria falar-vos antes de Benguela, onde me encontro, há cinco dias, na

Continua na página 3

Benguela

O nosso Manuel Rablais é Ministro da Comunicação Social

FIQUEI contente quando ouvi a notícia pela rádio e vi pela televisão a anunciar a nomeação de Manuel Rablais para ministro da Comunicação Social de Angola. Pertence à primeira geração dos filhos que passaram pela nossa Casa do Gaiato de Malanje. Agora é ministro do governo da Nação. Abençoada mãe que gera filhos que vão aparecer em cima do alqueire para alumiar toda a Casa! Ele não vai esquecer a sua raiz para servir melhor o seu Povo. Fiquei comovido, quando da sua vinda a Benguela, em missão oficial, visitou a nossa Casa do Gaiato de Benguela para nos dar um abraço. Oxalá não esqueça nunca que quanto mais alto está, mais serviço espera dele a Nação, amando, de verdade, o seu Povo.

Corri, na hora das matrículas, à busca de alguns lugares, em estabelecimentos de ensino superior, para rapazes que terminaram o ensino médio. A Universidade Lusíada foi a primeira que deu o sim. O polo de Benguela desta Universidade está no Lobito. O ano passado abriu as portas da Faculdade de Direito para receber o primeiro filho desta Casa. Ficou a promessa para mais um, neste ano lectivo. Assim aconteceu. Vai cursar Direito, também. Por isso, quando recebi a boa nova, voei contente, do Lobito até Benguela, passando pela Universidade Jean Piaget, com as primeiras construções às portas da nossa Casa. Aqui tenho sentido mais dificuldade em subir as escadas. O ano passado fiquei no primeiro degrau. Este ano tentei, de novo. Levo mais força interior, suficiente para não desistir. À hora em que escrevo não obtive qualquer resposta positiva. Espero. Confio.

Há outro posto que já foi conquistado, há dois anos, na cidade de Benguela. Creio que vai reabrir, este ano, dando continuidade à formação em Engenharia de

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES CADA VEZ MAIS POBRES — A Comissão Nacional de Justiça e Paz lançou uma publicação denunciando o aumento da pobreza num País «onde os ricos são cada vez mais ricos».

«Este livro é uma denúncia da passividade que a sociedade vive actualmente em relação a determinados assuntos» — classificação que a professora Manuela Silva deu à obra da sua autoria: *«O trabalho na economia e na sociedade portuguesa do século XXI»*. Afirma: *«que o objectivo desta publicação é suscitar o debate e a reflexão sobre o lugar do trabalho humano no século XXI»*. Na opinião da professora, a passividade, a tolerância e a acomodação são um grave problema da sociedade portuguesa. *«Para mim, é intolerável a desigualdade que se está a instalar no nosso País»*, sublinha. Durante a sua intervenção, a coordenadora do trabalho disse ainda que não encontra justificativo para o número crescente de Pobres, visto que Portugal mantém um bom nível de produtividade e de rendimento. *«Os Pobres são cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos»*, disse. *«Todos nós temos uma quota parte de responsabilidade na maneira de as enfrentarmos»*.

OS NOSSOS POBRES — No mês passado servimos, pelos Pobres, trezentos euros de receituário.

Uma indispensável despesa por gente que não teria hipótese de procurar mão que ajudasse a tratar da sua saúde. Sejam doentes graves ou não.

Ainda agora mesmo ajudámos uma viúva que não dispensa os remédios para alívio dos seus males...

No mês de Janeiro oferecemos, também, a outra viúva, os necessários euros para tratar do telhado da sua casita, que metia água por todo o lado!

Estas acções são produto das ofertas que recebemos dos nossos Leitores, cuja caridade traz sempre um carinho extraordinário. — Bendito seja Deus!

Por isso, vale a pena revelar um pensamento de Pai Américo: *«Aonde reinar o espírito cristão pode sempre dizer-se como nos tempos das catacumbas: 'Olhai como eles se amam!'»*

Mais ainda, surge uma mulher aflita por ter necessidade de ir à farmácia comprar material para o marido que precisa, pois está na cama em situação trágica.

Também uma moça desempregada, que precisa dum remédio e outras coisas mais, sem ter quê.

PARTILHA — Assinante 11856, da Cidade do Porto, presente com 50 euros e uma carta muito rica de amizade: *«Deus vos dê força para suportarem tantas mentiras nos meios audiovisuais, depois de tantos sacrifícios por quem não vos pertence, os gaiatos que estão 24 sobre 24 horas, por dia. O que desejam os da Segurança Social é que houvesse mais delinquentes na rua, que se não fosse a vossa Casa era o que aconteceria. Tanta insensatez que reina no nosso País, é muito triste para quem, como eu, recebi dos meus bondosos Pais estímulo para amar os outros e partilhar com os mais necessitados o pouco que nós tínhamos — e como éramos felizes!»*

Aldeia da Ponte, 105 euros *«para os Pobres»*.

Assinante 34738, de Matosinhos, 10 euros, valor que cresceu, da anuidade d'O GAIATO: *«Pouco é, para aquilo que vos fizer mais falta, na ajuda aos Pobres. Assinante que vos agradece a maravilhosa leitura que O GAIATO me proporciona»*.

E mais 782,50 euros, de algures.

Em nome dos Pobres, a nossa gratidão.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

Paço de Sousa

ESCOLA — Os estudantes profissionais da Escola EB 2/3 de Paço de Sousa têm mostrado pouco empenho no estudo e na pontualidade. Vamos lá agarrar-nos aos livros e correr ligeirinhos para as aulas. A sineta da Casa e a campainha da Escola ouvem-se bem ao longe...

TELEVISÕES — O desporto ao ar livre, faz bem melhor do que estarmos alapados a olhar para o ecrã. Parece que há uma ou outra televisão a precisar de ter férias. Fazia jeito, só para o futebol e as notícias, um aparelho.

MINIFÉRIAS DE CARNAVAL — Nestes dias, os rapazes que estudam nas escolas de Paço de Sousa e do Porto, empenharam-se em limpar a nossa Aldeia, porque a Páscoa vem aí.

CATEQUESE E CONFISSÕES — À quarta-feira, entre as 19 e as 20 horas, todos os rapazes têm catequese, com catequistas de Casa e Amigos.

Nas primeiras sexta-feiras de cada mês, alguns têm aproveitado para celebrar o sacramento do Perdão.

Alguns mais velhos foram à Casa da Juventude, em Ermesinde, a uma tertúlia sobre a afectividade. Valeu a pena!

Rolando Polónia

DESPORTO — Já o tínhamos dito e continuamos a afirmar que os nossos Infantis são a menina dos olhos do nosso Grupo Desportivo, sem desrespeito para com os restantes escalões. Eles são, na verdadeira acepção da palavra, uma «máquina de futebol». Jogam com alegria, e transmitem a mesma, a todos aqueles que fora das quatro linhas, assistem à «demonstração mágica» de como se trata a *redondinha*.

Receberam a A.R.D.C. Gondim (Maia) a quem ganharam sem grandes dificuldades. Mas, muito mais importante do que a vitória, foi o excelente convívio que nesta tarde de sábado, houve cá em Casa.

É bom sublinhar que para além dos atletas que vieram no autocarro da Câmara, os familiares acompanharam-nos em transportes particulares. Muita gente. Muita alegria e boa disposição. Era mais que evidente no rosto de cada um a satisfação de estarem na Casa do Gaiato e verificarem com os seus próprios olhos de como se vive com alegria no seio desta família, contrariando, assim, todas aquelas *trapalhadas* que muito «boa»... gente inventou para tentar induzir em erro muitos outros.

Tem sido, também, através do nosso programa desportivo, quando nos visitam, que muita gente fica estupefacta ao verificar que afinal, não passa de uma *fantochada* o que se ouve e vê nos ecrãs das televisões, sobretudo, naquela que é a última das quatro, verificando-se muita falta de honradez naquilo que diz e mostra. Falamos com as pessoas, e elas, ao constatarem a realidade com os seus próprios olhos, dizem: *«Não faz sentido o que eles dizem!...»*. *«Nota-se que os meninos gostam de cá estar»*. Outros dizem: *«Realmente nós entramos, corremos tudo e ninguém nos põe qualquer entrave!»* Pois não! Nós somos uma porta aberta! Até para aqueles que não têm nada que cá pôr os pés, nós não fechamos a porta. Quem não deve não teme!

Sempre ouvi dizer que, por vezes, Deus escreve direito por linhas tortas. Apesar de tantos dissabores que essa gentinha (...) nos tem criado, com todo esse folhetim mentiroso, parece, parece não!, é uma realidade: mais amigos nos têm aparecido e ficam a conhecer o que, no caso de alguns, nunca tinham visto: uma grande família que dá pelo nome de Casa do Gaiato. Nós somos assim. Sempre assim fomos e contra tudo e contra todos, sempre assim seremos. Mesmo assim, há pessoas que nos perguntam se podem entrar a qualquer hora do dia para visitar. Dizemos que sim. Não temos porteiro! Não temos o portão fechado! Ficam admirados!...

Pai Américo dizia: *«Todos os dias, sim, mas aos Domingos é o forte. Idades. Credos. Posições. Norte. Sul. Nacionalidades. Cores. Todo o mundo. Eles, os visitantes, sobem uma avenida ornada de carvalhos e no cimo, na curva, cada um estende seus olhos como nunca, ao dar com eles nos 14 edifícios da aldeia.»*

Quem tem dúvidas?! Só eles... aqueles..., aqueles e aquelas que nada fazem em benefício dos que dizem proteger. Fazer inspecção ao trabalho dos outros, não custa. Reprovar o que os outros fazem com tanto sacrifício, é cómodo. O que dói, é sermos postos em causa por esses justiceiros injustiçosos.

Já no tempo de Pai Américo este tipo de gente aparecia por cá, mas ele respondia: *«Não corrompa a nossa Aldeia, meu senhor. Vá-se embora!»* Não corrompam a nossa Aldeia, é isso mesmo! Vão-se embora e deixem-nos em paz!

Os Seniores deslocaram-se a Penafiel e em pleno relvado, apesar de terem perdido por 3-2, mostraram que sabem jogar a bola e que têm estofo para praticar a modalidade com quem sabe e não com habilidosos... como antigamente!

Todos estiveram à altura do acontecimento, mas temos que destacar como exemplares: «Bonga», Teixugueira, «Taínha», «Mancha», Gil, passando ainda por Abílio e Agostinho, nunca esquecendo o «carrasco» do jogo, que dá pelo nome de «Bolinhas».

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

RAPAZES — Dois rapazes saíram de nossa Casa: O Tiago «Chinoca» e o Marco. O Tiago está a fazer uma experiência junto da família. Vamos lá a ver se assenta e se muda de comportamento no que diz respeito à escola e à vida de Casa.

O Marco, que deixou cá três irmãos mais novos, depois de ter regressado da família na passagem do ano, parece que ganhou umas ideias novas e decidiu sair de casa e abandonar os estudos. Estes não eram muito bons, devido à sua fraca capacidade de concentração para o estudo. Apesar de tudo, era um bom rapaz, responsável e muito cuidadoso com os três irmãos que cá deixou. Seguiu o caminho do irmão, «João Pequeno». Regressou à sua família biológica. Assim decidiu, sem pedir opinião a nenhum adulto. Esperamos que se «safe», pois será muito difícil arranjar ou manter um emprego, apenas com o 6.° ano de escolaridade. Em nome de todos os gaiatos e amigos desejo-lhe boa sorte para a vida e, se houver arrependimento, as portas da nossa Casa estão sempre abertas, para um regresso de livre vontade.

LAR — Já se iniciou há algum tempo o 2.° período. Há que recuperar as negativas e melhorar as positivas do 1.° período com a ajuda de todas as explicadoras que fazem voluntariado em nossa Casa: Dr.ª Teresa e sua filha Joana, que nos ajudam em matemática, ciências e inglês. Dr. Luís Geraldes, no português. A Dr.ª Mussete que iniciou o voluntariado este ano, ajuda em línguas germânicas. Temos também agora uma explicadora de filosofia que é tia da professora Catarina, que dá ajuda em todas as disciplinas. Portanto, há que aproveitar estas ajudas para obter melhores resultados. Mas para melhores resultados é necessária boa alimentação. Por isso, queremos agradecer a ajuda dos donos da loja «O Celeiro da Solum» que nos dão pão para o pequeno-almoço, couve, cenouras, iogurtes, cebolas, sumos e chocolates.

Queremos dizer àquelas senhoras que inventaram que não comíamos guloseimas, que comemos bolos, praticamente todos os dias, ao pequeno-almoço, oferta do Café Zizânea, desde há mais de três anos, sempre, e em quantidades apreciáveis. A todos agradecemos a sua amável colaboração para com as nossas necessidades.

SUB-CHEFE — Com a saída do Marco da nossa Casa, foi necessário nomear um novo sub-chefe para o Lar. Ficou determinado depois de consultados alguns dos mais velhos, que seria o Reinaldo a ocupar esse lugar.

DESPORTO — Foi aprovada pelos nossos Padres a realização de um torneio de futebol de 11, onde consta o berço da Obra: Miranda do Corvo, Paço de Sousa, Setúbal e Tojal. Agradecemos o convite da Casa organizadora, deste *inter-casas*. O nosso muito obrigado à Casa de Paço de Sousa. Achamos contudo que deveria ter havido uma reunião com os grupos desportivos de cada Casa... Quando houver novo «inter» é um dado a ter em conta. Era bom ouvir todos os grupos desportivos. Há algumas coisas no regulamento com as quais não concordamos lá muito... mas respeitamos. Sabemos que a organização não teve muito tempo. Na próxima, será melhor. É com as falhas que vamos aprendendo... Aproveitamos para pedir aos nossos amigos que nos enviem chuteiras do n.° 25 ao 45, bolas e luvas de guarda-redes, coletes e equipamentos do n.° 1 ao 18. Um muito obrigado do grupo desportivo desta Casa do Gaiato.

Adriano

Santo Antão do Tojal

POCILGA — Mais presentes bons: Duas ninhadas de leitões, que são tão bonitos que nem tenho palavras para descrever. É mais uma das razões para que o rapaz que toma conta da pocilga esteja satisfeito com o trabalho que está a desempenhar.

FESTAS — Começámos com os ensaios. Temos estado a dedicar-nos para podermos transmitir o que se vive em Casa e o que se vive fora e dizer aos nossos espectadores que nem tudo o que sai nos jornais é o que se passa no nosso meio ambiente. Guarda-roupas, este ano estamos muito fracos e pedimos que, se nos puderem ajudar a esse nível, agradecemos muito. Folclore falta-nos: lenços minhotos, meias de folclore de renda, material de maquilhagem. No guarda-roupa para teatro, agradecemos tudo o que for possível doar-nos.

QUARESMA — «Viver é desenhar sem borracha». Época de mergulhar no nosso próprio mundo e tentar apagar o que correu mal nesses riscos da vida que andamos a traçar, ou seja: não propriamente apagar, mas corrigir e ver os pontos em que erramos e gostaríamos que tivéssemos actuado de uma outra forma.

Convido também cada um dos Leitores que mergulhe no seu próprio mundo e que a alma possa respirar.

AGRADECIMENTOS — Em poucas palavras, a Casa do Gaiato agradece aos nossos Amigos que sempre connosco partilham e têm estado presentes nos mergulhos mais negros do dia a dia. A todos vós o nosso muito obrigado.

Abílio Pequeno

Setúbal

FUTEBOL — O Daniel e o «Rato» andaram a pôr ferros nas balizas para montar as redes. O «Cowboy» anda a pintar as balizas. O Chambel e o Orlando a raspar as ervas do campo. O «Ricardinho», o Jaime, o «Cocas» e o «Pipas», a marcar o campo. Todos estes trabalhos que estão a ser feitos, são para o «Torneio inter-Casas» que vai começar no mês de Março.

OFICINAS — O Amílcar e o Orlando foram para a serralharia. O «Manobras» e o André para a carpintaria. Foram para as oficinas mas continuaram a estudar, cá em Casa. As nossas oficinas continuam a fazer trabalhos para a nossa Casa e para clientes de fora.

VACARIA — Nasceram mais três bezerros, mas um deles morreu ao nascer. As nossas vacas continuam a produzir muito leite. Estamos à espera de três, para parir. Esta semana veio um senhor trazer-nos palha, que está muito cara porque não tem chovido.

CAMPO — Já começámos a semear as batatas. Também as favas e as ervilhas. Quem faz o trabalho é o

Momentos em Angola

Continuação da página 1

nossa Casa, com o Padre Manuel António, Padre Custódio, Teresa e os cento e cinquenta rapazes!

Um verdadeiro oásis humano, urbanístico e ambiental para quem viaja neste país.

As altíssimas e numerosas palmeiras imperiais, no jardim da frente, impressionam o recém chegado pela a sua esbelta majestade, dando a impressão de havermos parado diante de qualquer nobre palácio tropical.

Os filhos de Deus que a Obra acolhe, com ternura humana sobrenatural, merecem esta respeitosa homenagem e precisam dela para se reverem continuamente na própria dignidade!

Os Pobres que a todo o momento, e em grupo fazem fila, andrajosos e doentes, no grande e magnífico largo calcetado a rigor, noutros tempos, e mantido impecável até hoje, aguardando o Padre Manuel e a Teresa, deliciam-se esperançados na pronta ajuda às suas primeiras necessidades.

Os jardins, as ruas e as avenidas de todo o conjunto que completam a aldeia, são orlados por bardos de cardinais, verdíssimos e bem aparados, exibindo, aqui e além, as suas campânulas vermelhas de requintada e surpreendente beleza.

Ao contrário da Casa de Malanje, esta aldeia instalou-se na planície e, carece por isso, de vistas rasgadas e horizontes largos, mas compensa-se pela excelência da verdura que a envolve, a preenche e a refresca.

Composta por seis residências, é acompanhada por vários armazéns, oficinas, lavandaria e rouparia e enriquecida por um salão multi-usos, um polivalente e um avantajado campo de futebol.

Os rapazes espelham alegria e segurança, como se fossem jovens bem nascidos. Desde os mais pequeninos — e são muitos — até aos adultos, percebem-se implicados na mesma família e nela satisfeitos.

A actividade agrícola e pecuária é já notável, carecendo, a meu ver, de algum desenvolvimento e modernização.

A Cidade de Benguela exposta à beira-mar e planeada quase toda, em paralelas cruzadas vai recuperando o seu antigo brilho. Várias ruas asfaltadas e sem buracos, recolha de lixo, muitas casas recuperadas, bastante comércio, alguma indústria, reduzida agricultura e suficiente pesca.

Não se compara com a penúria e o atraso de Malanje, mas com alguns malefícios e ratoeiras, que as ilusões do desenvolvimento sempre impingem ao homem, o que também se reflecte nos rapazes.

As igrejas enchem-se de fiéis, tanto em Luanda como em Benguela.

As seitas abundam exuberantemente, como se a religião fosse um comércio.

Parece-me ser altura de darmos um pouco de nós, à pregação da nossa Pobreza e à divulgação d'O GAIATO nestas cidades.

O cansaço e o desgaste dos nossos padres dão peso e brilho à acção do Espírito Santo que se revelará assim, de forma mais poderosa, pela sua palavra e escrita.

A mensagem do Novo Testamento que encerra «a escandalosa Pobreza» dos Padres da Rua é urgente para o alimento e maturidade das comunidades cristãs.

Sabemos que os exploradores e poderosos não põem os pés nas igrejas de boa fé, mas estamos convictos de que a Palavra Viva não volta para o céu sem produzir o seu fruto.

No meio de tanta ambição, fará bem à Igreja a palavra apaixonada e vigorosa dos que deram tudo e nada possuem. Não nos esqueçamos que a nossa presença é sempre um sopro novo!...

Assim os responsáveis das igrejas se abram!...

Padre Acílio

Moçambique

Continuação da página 1

família os irmana a todos e a vida se constrói na interdependência e também na dependência da misericórdia de Deus, que faz chegar aqui tudo, para que nada falte no crescer para a vida destes filhos que muito ama através de nós. A riqueza espiritual de filhos de Deus, que passaram a alimentar-se do Pão da Vida, os enobrece e lhes dá aquele aconchego íntimo na alma, que as nossas pobres palavras e conselhos não logram atingir tantas vezes.

Haja em vista o que nos aconteceu precisamente na véspera. Um dos nossos, já na faixa dos dezassete anos, roubou no escritório e fugiu. Regressou à sua terra de origem e foi dizer às Irmãs que o tinham encaminhado para aqui, que saiu porque queria viver uma «vida normal». Pois, enquanto ensaiávamos, roubou o melhor que encontrou e desapareceu no seu mundo. O acontecimento afectou a todos nesse Domingo e ajudou certamente a aprofundar a verdade de que nenhum deles, sozinho, se salva.

Padre José Maria

Da Aritmética

Continuação da página 1

Fundar *empresas* com este capital é loucura! — diz o mundo. Deixá-lo dizer! Passaram setenta e três anos. A *empresa* cresceu, cresceu em dimensão e compromissos; nunca conheceu saldos negativos nem jamais lhe faltou o bocadinho de pão e a postinha de peixe necessários e suficientes a cada um dos com quem ela se comprometeu. E ao longo dos anos foram sempre sobrando cestos de mais pão e de mais peixe que ajudaram a saciar muitas outras fomes. Será poesia...? Ou é o Evangelho que é Verdade e Fonte da Justiça?! Aqui não há milagres. Há a Providência de um Pai infinitamente poderoso e bom que não quer os Seus filhos com fome!

Estou a *ouvir* o Pai Américo em uma das últimas festas no Coliseu em que esteve presente: *«Andam aí o Comércio, a Indústria e a Navegação... a pôr e a sobrepor, a pôr e a sobrepor... Se fosse a pôr e a tirar, 'outro galo nos cantaria'! O Povo fala tão bem, diz tão bem: Ó meu senhor, dê a sua mão e guarde o seu nível! Dar a mão — palavra tão sábia! Nem o rico ficaria menos rico nem o pobre seria miserável».*

Dar a mão é gesto de fraternidade. Aprende-se no Evangelho e não se esquece mais praticando. Como seria mais feliz o mundo se *dar a mão* fosse a regra na relação entre os homens!

Disto não são capazes os Sociólogos e os Filósofos com a sua ciência; menos os políticos com as suas leis e medidas. Só da consciência de cada homem, pensando em Deus e desejando sinceramente que o seu coração se assemelhe ao d'Ele, pode nascer a «nova Terra» que Deus tem em projecto e quer realizada.

Se as *Intelligenz's* não entendem nem querem, ao menos, deixem livres os *tolos* que se orientam por outra Inteligência.

Padre Carlos

Amândio e o «Fernandinho». O Amândio põe os torniquetes a regar nos campos e pomares, porque está tudo seco do sol e da geada.

RETIRO — Foram dois rapazes fazer o Convívio Fraterno na nossa casa da Arrábida. Os rapazes gostam de fazer o Convívio porque convivem com outros jovens e também porque podem pensar melhor na sua vida com a ajuda dos outros e da oração.

Horácio

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O compromisso do vicentino, neste início de milénio, torna por natureza um membro activo da ajuda ao irmão mais carenciado, tanto material como moral.

A sua missão ainda está muito longe de se esgotar, por isso, nós devemos empenhar-nos, com todas as forças que o Pai do Céu dá, e colocarmos essas forças ao serviço dos Pobres.

Os desafios sociais e religiosos, que a humanidade enfrenta, nos nossos tempos, dão-nos forças para continuarmos a nossa caminhada de bem fazer.

Quando participamos nas reuniões das conferências do Conselho, apercebemo-nos com mais profundidade da universalidade da nosso missão vicentina, cujo programa se centraliza em nos darmos, uns aos outros, porque foi assim que o Senhor nos ensinou a amar o próximo.

Os vicentinos crescem como família de Deus, que procura levar a palavra do Pai aos nossos irmãos.

A ocasião serve também para lembrar a todos os confrades a oportunidade que temos de fortalecer os nossos laços de missionários, para que se mantenha nova em cada conferência, um verdadeiro espírito vicentino e se sinta apaixonado pelo que faz.

Os nossos velhinhos, cada vez estão mais fragilizados. As carências também são muitas e a reforma mínima, que recebem, não chega para suportar o custo dos medicamentos. As *nossas* gémeas estão crescidinhas, felizmente esta família está no bom caminho, que Deus lhes dê forças para continuarem.

Temos duas irmãs com o seu agregado familiar e que são assistidas por outro casal confrade, em que a vida não tem sido fácil. As crianças são muitas e tem sido complicado para os nossos confrades, conseguirem estabilizar o ambiente familiar, principalmente numa das irmãs, uma vez que esta é uma mãe muito revoltada. Mas os nossos confrades, com a sua amizade e carinho que lhes transmitem, têm conseguido, até hoje, amparar os pais e as crianças.

O QUE NÓS RECEBEMOS — Assinante 47518, a sua oferta; Amiga, de Esmoriz, o seu donativo; Fiães, a habitual generosidade a que nos habituou; assinante 7769, cem euros e roupas; assinante 5193, 25 euros; casal anónimo, com um postal muito lindo; Amiga, de Valadares, o seu donativo; M. Rodrigues, 10 euros; Mário Augusto, 5 euros; assinante 22890, com palavras amigas e um dontivo; M. M., um vale de 50 euros; assinante 34079, a sua oferta; vale, de Joaquim Silva, 25 euros; assinante 11282, oferta de 50 euros; Maria Luíza, o seu donativo; Amiga Francelina Costa, o seu donativo, também; Maria Mendes, 50 euros; assinante 33275, dando-nos força para continuarmos o nosso trabalho e a sua oferta; assinante 14945, 20 euros; de Ermesinde, chegou o seu donativo; assinante 62005, cheque de 40 euros; assinante 72082, roupas para os nossos Pobres; assinante 13862, cheque de 60 euros.

Para todos os nossos Amigos e Leitores do Famoso, que Pai Américo nunca se esqueça deles e, no Céu, interceda junto do Senhor por todos nós, e que o Novo Ano traga para todos a Sua bênção.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Pão de Vida

Sachinhos

NA Segunda Guerra Mundial, com a *Shoah*, milhões de seres humanos foram humilhados, vergonhosamente, como no campo de concentração nazi de Auschwitz. Esta tragédia afrontou o Senhor da Vida e é uma sombra para a Humanidade.

Ocorria esta memória, quando, a nascente da vetusta e extensa eira desta Casa, em nível inferior ao lajedo, uma agradável surpresa veio à luz: uma mina, desconhecida, com arcos semicirculares. Escavado o pórtico, foram retirados torrões escuros de um terreno fértil. Aparentava um forno, contíguo à casa da eira.

Os antigos construtores não temiam as profundezas da terra e, pacientemente, elaboraram poços e minas de granito, para que não faltasse água potável e para as culturas.

Há mais de 60 anos, alguma luz despontava como aurora, para os filhos sem abrigo das nossas terras, a quem era dada *pousada* em Casas do Gaiato, pobre.

Na terra de Egas Moniz, foi entregue à Igreja, com esta missão evangélica, uma mancha verde, para se desenvolver uma inegável caminhada curativa.

A descoberta recente despertou a sã curiosidade da garotada, que não perdeu tempo a esgravatar; mas, o sonho de um *tesouro* desvaneceu-se...

O trabalho, com equilíbrio, é que constitui uma grande riqueza e um remédio salutar para curar feridas morais.

Nestes dias de folia carnavalesca, que não nos intimou, canalizámos a vontade legítima de escavar, característica também da pessoa humana, para um serviço nobre: pegar em enxadas, para rapar ervas ruins, que os dias de *turismo* lectivo, de alguns, deixam crescer ao desvario.

Para contrariar uma *cultura*, necrótica, *de desassossego*, nada melhor do que ir buscar ao cardenho, no antigo edifício das oficinas, as sacholas, de forma que não enferrugem, dada a obrigatoriedade escolar.

Aos rapazes da casa 2 de baixo coube a tarefa mais rasteirinha: com os sachinhos, retirar as folhas matreiras que infestam os largos próximos do abrigo do Senhor da casa.

O Hélder, «Pinguim», que é servente de mesa, refilou: «Arrancar ervas custa...».

Alguns crescidos agarraram-se às enxadas, cujo *stock* foi preciso reforçar. Era vê-los serenos, de mangas arregaçadas, a suar, alheios ao frio, por grupos organizados, com responsáveis da *sua* Casa.

Será *trabalho infantil* ocupar saudavelmente os nossos filhos?

Américo de Aguiar, com 15 anos, estava no Porto a *vender ferros*.

Para podermos viver, com autonomia, na terra que os nossos maiores nos legaram, não podemos distrair-nos a olhar para os corsos.

A mortificação de sentimentos ilusórios é um percurso espiritual a que a Quaresma nos convida, mesmo com uma enxada na mão.

A entrada daquela velha mina recordou-nos a porta removida do sepulcro da Terra Santa. O *Jardineiro* deixou depressa o abismo do pó da terra, do qual nos tirou, para brilharmos como luz no meio das trevas.

A Cruz é o sinal maior da nossa libertação!

Padre Manuel Mendes

Setúbal

Assim nos tratam!

RECEBI notificação para pagamento de multa, dos Serviços do Ministério Público de um Tribunal Judicial, no valor de 178 euros. Qual a razão? Tomámos uma posição de entrave ao andamento de um processo judicial, como nos foi referido. O processo surgiu do que se segue.

Há cerca de um ano, recebemos um rapaz com 14 anos de idade. Vivia quase todo o tempo na rua, parando pouco em casa da mãe.

Sem hábitos familiares de qualquer espécie, aguentou-se connosco um mês e meio, embora acarinhado e particularmente amparado, fugiu.

Não sei o que foi contar em casa da mãe; o que sei é que em finais de 2004, fomos notificados pelo Tribunal para informarmos os nomes de todos os nossos rapazes a quem é pedido o sacrifício de serem chefes de todos os outros. Aceder a este pedido de informação seria denunciá-los! Além disso, são muitos os rapazes a quem são dados estes trabalhos e por períodos nem sempre longos.

Conheço os rapazes todos, o que fazem e o que são. Nenhum exerce a função de chefia sem o meu acordo. Por isso, sou co-responsável em tudo com eles.

Como sou o primeiro defensor dos rapazes, nunca faria tal coisa que me era pedida. A não ser que saíssemos da normalidade e do bom senso.

Por este motivo o digníssimo Tribunal resolveu imputar-me a multa de 3 UC's, equivalente a 178 euros.

Ainda na sequência desta recusa, a nossa Casa foi invadida por um grupo de pessoas da Polícia Judiciária, cerca de 15 agentes acompanhados do sr. Procurador da República e outras altas entidades judiciárias. Havia sido emitida uma Busca Domiciliária à nossa Casa.

O aparato com que foi feita, bem como o modo desrespeitador pelas pessoas que aqui dão a sua vida ao serviço dos rapazes, era digno de uma tomada de assalto a um covil de ladrões e malfeitores.

No desconhecimento de quem somos, apesar de tanta possibilidade de comunicação e informação, assim fomos tratados.

Pergunto-me: Se não fosse o amor a Deus e aos Pobres e ao Povo que nos ama, que estaríamos nós aqui a fazer?! Mas é por isto mesmo que estamos!

Eu nada ganho; não tenho quaisquer valores materiais; o que visto e como é do destinado aos Pobres — por isso não tenho modo de lhes pagar pecuniariamente a multa que me atribuiram...

Sabendo do sucedido, a madrinha do rapaz que esteve na origem de tudo isto, e fizera o pedido para o recebermos e o acompanhara de perto enquanto ele viveu entre nós, veio solidarizar-se connosco, revoltada com tudo o que acontecera. Ainda mais porque sabia que o afilhado há muito que abandonara a casa da mãe, desconhecendo-se o seu actual paradeiro.

Assim nos tratam!, e se ajuda e educa os rapazes da rua por quem diz pretender protegê-los...

Padre Júlio

Tribuna de Coimbra

Tempo atmosférico

O tempo atmosférico que se faz sentir, frio e seco, há já longos dias e semanas, evoca bem um outro, psicológico e social, que vamos respirando com algum sufoco.

Os nossos campos áridos e os nossos rios fundos, sem margens nem planícies, fazem temer pela nascente. As águas que tudo mantêm, escasseiam.

Entretanto, estamos a assistir a uma permanente poluição das mentes e das almas. Estamos, cultural e espiritualmente, a ser poluídos. Trata-se de uma agressão subtil e engenhosa protagonizada por artífices experimentados na arte da retórica. É uma vaga de fundo, morna e perfumada, perturbante, que, de tempos a tempos, se ergue no horizonte da história como um verdadeiro «tsunami». Marxismo, Nazismo, Laicismo — são ventos, prenúncios da mesma maré.

Estão em causa as fontes da vida, o borbulhar límpido das nascentes, no recôndito das montanhas, a dignidade da vida humana e o seu sentido transcendente. Voltam a estar ameaçadas as margens dos rios, o fluir majestoso dos seus cursos e a sua fusão tranquila na foz. Enterrados nas planícies, milhões de meninos que jamais poderão acariciar o sol. Outros tantos, também perdidos, não completam a metade dos seus dias por falta de diques, comportas, normas, éticas, família... É preciso remar contra esta maré intoxicante.

O testemunho do Apóstolo Paulo, apaixonado de Cristo, é para os crentes, de todos os tempos, paradigmático, anti-tóxico, despoluente: «*... Quando fui ter convosco não me apresentei com sublimidade de linguagem ou de sabedoria... Pensei que, entre vós, não devia saber nada senão Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado... Cheio de fraqueza e de temor e a tremer deveras. A minha palavra e a minha pregação não se basearam na linguagem convincente da sabedoria humana... mas na manifestação do Espírito Santo e no poder de Deus* (1Cor 2,1-5)».

Que contraste com a linguagem de cosmética que tanto polui e esvazia de sentido os nossos dias!

Padre João

Encontros em Lisboa

Criminalidade infantil

NOS últimos tempos têm aparecido notícias dispersas dando conta do aumento da criminalidade juvenil, cada vez mais violenta e actuando em bandos, sem grande organização, mas actuando em grupos para acções pontuais. Ainda não se conhecem os relatórios completos da GNR e da PSP para o ano anterior, mas é previsível que eles dêem conta deste aumento.

No cidadão comum instala-se o medo e o desejo de um aumento da punição, reforçando-se a ideia de que um maior policiamento resolveria o problema. Entrámos também na corrida aos mecanismos de defesa pessoal, quer pelo recurso a armas quer por todos os sistemas de segurança, nomeadamente alarmes e guardas privados.

Ao lançarmos todas as nossas energias em todos estes mecanismos de segurança, estamos a utilizar uma estratégia errada porque estamos a tentar remediar o que não prevenimos. Faz parte do politicamente correcto prometer mais segurança e mais polícias na rua e mais prisões... Mas tudo isto é tentar remediar. Não está provado em nenhum lugar do mundo que mais prisões sejam escola para o bem e para a reintegração social. Será necessário olhar noutra direcção e ser criativo a nível da prevenção.

Se quisermos fazer o retrato dos jovens que andam e actuam nesses grupos, rapidamente nos apercebemos de vários itens comuns: insucesso escolar, falta de formação profissional, desemprego, condições de habitabilidade degradadas, disfunções familiares graves...

A pouca experiência que vou tendo neste domínio, diz-me o seguinte: Muito pouco se faz a nível da prevenção, havendo poucas medidas concretizadas a tempo e hora e sem técnicos no terreno capazes de analisar rapidamente as situações e encontrar caminhos.

Algumas perguntas: Quando começa o insucesso escolar, que se faz e que colaboração se estabelece entre o ensino, a Segurança Social, o meio de vida? Que alternativas encontram as escolas em colaboração com o Instituto de Emprego e Formação Profissional? Não se limitam as escolas a referir nas estatísticas que houve tanto insucesso e que houve tanto abandono escolar?...!

Temos que começar a olhar na direcção da luta à pobreza nas suas diferentes formas e não pensarmos tanto num estado penitenciário e policial.

Padre Manuel Cristóvão

PENSAMENTO

A Caridade tem de ser bem ordenada. Nunca é lícito pôr uma acção má em procura de um bem. O alicerce da Caridade é a Justiça.

PAI AMÉRICO

Malanje

Foi Natal, o Senhor estava e está presente

FOI Natal. Pouca diferença, nos bairros da periferia e aldeias, se notou... Ou, digamos, mais caixas de bebidas na cabeça dos meninos. Beber! «O maior inimigo de Angola é o álcool» — disse-me um senhor de 73 anos com tristeza nos seus olhos verdes.

Assim é: sábados, domingos e após vencimentos, impera o álcool. É rei.

Nas ruas à venda muitas árvores de Natal de plástico verde e pobre, campainhas multicolores e alguns fiozinhos a fingir neve.

As igrejas encheram e os cristãos beijaram o Menino. Poucos, poucos presépios... «Nem por sombras» — as magias dos sapatinhos nas lareiras a encher de encantamento as crianças! Nem há lareiras.

Mas o Senhor estava e está presente nas grandes avenidas, nos labirintos dos bairros e nos lumes dos quintais das cubatas onde ferve o feijão em potes de barro ou latas de zinco.

A nossa riqueza, a nossa pobreza, as preocupações sem número, as corridas sem sentido e pecados nossos *tapam-nos a visão de Deus*... Perdidos no deserto sem esperança dum oásis.

Como é possível viver sem fé nem esperança? Como, sem caminho!...

As dunas afogam os passos, e nas visões dos longes, só miragens.

Padre Telmo

Benguela

Continuação da página 1

Informática. Sinto-me pequenino diante da generosidade demonstrada pelos altos responsáveis destes estabelecimentos de ensino particular para com a Casa do Gaiato. Ontem, ouvi da boca de alguém que muito nos ama a afirmação ousada de que a Casa do Gaiato faz parte da história da cidade de Benguela. Vou caminhando no meio dos Pobres, ocupado com os seus problemas, aprendendo a ser mais padre no livro das suas vidas, sem dar conta do que possam dizer ou pensar.

Não tenho corrido, apenas, aos estabelecimentos de ensino superior. Também bati à porta dos colégios mais afamados da cidade de Benguela. A mesma simpatia! Porque faço isto? Por vaidade? Não. Unicamene para estimular os rapazes a uma aplicação sempre maior. É o prémio que um ou outro recebe. Mais ainda: É uma oportunidade que os estabelecimentos de ensino particular têm para ajudar os filhos que não têm possibilidades de acesso, porque são pobres. Normalmente, estas escolas são frequentadas pelos filhos das pessoas que têm dinheiro. É uma forma nobre de participar na promoção destes filhos. Há, pois, uma motivação superior que me leva a dar estas voltas. No fim do ano lectivo, a Casa do Gaiato é o lugar escolhido para a confraternização de pais e filhos com os responsáveis destes estabelecimentos de ensino. Entendi que a forma mais elevada de agradecer a visita era o pedido para receberem um ou outro rapaz com mais capacidade. Assim aconteceu. Vamos a ver se conseguem ser luz, ainda que seja de uma vela, no meio de filhos e filhas que vêm doutros meios sociais. Creio que todos ficam a ganhar.

Desta vez falámos de gaiatos que chegam a ministros e estudam em universidades e colégios particulares. Nem por isso valem mais do que os outros. É uma responsabilidade acrescida que pesa sobre os seus ombros. Em Casa todos são iguais, nas oficinas, nas arrumações das casas, na cozinha, na rouparia, no arranjo das ruas e em todas as tarefas que podem realizar. Mais: Levam a obrigação de ajudar os outros nas dificuldades escolares. Quanto mais têm, mais devem dar.

Ontem — para terminar estas notas — vivi um fim de tarde feliz com três dos rapazes mais velhos, na idade dos 50 ou mais. Eram o dr. José Luís Magro, o empresário Gabriel e o grande enfermeiro anestesista Solano. Foram momentos de grande elevação. Bem hajam!

Padre Manuel António